

considerar a ciência uma forma perversa de *hybris* quando não é acompanhada de um compromisso ético com os «humilhados e ofendidos» dostoevskianos. Mais uma vez ciência e caridade.

Ensaio incontornável, pois, o de Maria Helena Santana, que, para além de emprestar luz a aspectos muito interessantes do discurso científico dos naturalistas portugueses, tem a virtude de nos ajudar a pensar o presente através da análise do passado.

Elena Losada Soler

**A FIGURA FEMININA
EM FERNANDA BOTELHO
JOANA MARQUES DE ALMEIDA
Lisboa, Acontecimento, 2005**

O presente trabalho de Joana Almeida, composto a partir da dissertação de Mestrado da autora, em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, além de relembrar a obra de Fernanda Botelho, por um lado, e de dar a conhecer a escritora a um público mais vasto, por outro, contribui para o enriquecimento dos instrumentos críticos da literatura feminina e da literatura feminista em Portugal.

Esta abordagem, ainda que breve, revela-se essencial neste trabalho já que tem como objecto de estudo uma escritora do pós-guerra, altura em que a luta da mulher pela emancipação se começou a fazer sentir em Portugal de forma mais sólida e consciente, nomea-

damente na esfera intelectual, em que Fernanda Botelho se insere.

Dentre as virtualidades deste estudo, destaque-se a estrutura e os títulos escolhidos, a reunião de diversos passos de recensões críticas contemporâneas das edições da obra de F. Botelho e o *corpus* de três romances seleccionado para a análise literária que efectuou.

No que diz respeito ao primeiro aspecto referido, a estrutura, é composta por uma introdução, cinco capítulos subdivididos por temas e uma conclusão. Na introdução, Joana Almeida começa por focar, de forma muito ampla, a luta da emancipação da mulher, dando-nos, de seguida, uma visão geral do teor do livro. O enfoque inicial na emancipação feminina foi, na minha opinião, bem escolhido, na medida em que a literatura foi um dos principais instrumentos de que a mulher se serviu para se fazer ouvir (projectar as suas ansiedades, sentimentos, emoções, reivindicações, etc.), como aliás a autora salienta: «[...] o sexo dito frágil foi encontrando, pouco a pouco, um espaço cada vez maior, nos mais variados campos. Um deles é, precisamente, a literatura, área em que a figura feminina, nas suas duas vertentes, a de autora e a de personagem, alcançou um protagonismo que desde sempre lhe estivera vedado. Nas letras portuguesas, esta viragem deu-se durante os anos quarenta e cinquenta do século XX.» (Almeida, 2005: 9 s.). Segue-se o primeiro capítulo, dedicado à contextualização histórico-literária da escritora F. Botelho e respectiva obra, capítulo

esse que se subdivide em quatro temas: «A sociedade do pós-guerra em Portugal», «A mulher na sociedade do pós-guerra», «A literatura do pós-guerra em Portugal» e «A literatura feminina do pós-guerra». Como os próprios subtítulos deixam perceber, a autora dá-nos conta, no primeiro e no terceiro, da conjuntura económico-social do Portugal de então, tendo sempre o cuidado de fundamentar o discurso recorrendo às investigações de diversos historiadores sobre este período da história de Portugal. No segundo e no quarto subtítulos, a autora enquadra a situação da mulher nesse contexto epocal. Trata-se de um capítulo fundamental pelo facto de fornecer ao leitor menos preparado, ou mais alheado da influência das transformações económico-sociais na literatura, um conhecimento que o ajudará a perceber melhor a mensagem literária, em geral, e a de Fernanda Botelho, em particular.

Em relação a este último aspecto, o II capítulo, com o título genérico «Fernanda Botelho», também subdividido, tal como o anterior, em quatro subtítulos: «Poesia – as suas coordenadas», «Romance – percurso de uma escritora», «Recepção crítica» e «Visão do público», não só está bem concebido, como também se mostra indispensável neste género de estudo pelo facto de preparar o leitor para a análise dos romances que a autora apresenta (e também para a leitura, propriamente dita, da obra lírica e ficcional da escritora), funcionando, assim, como um

prévio esclarecimento do estilo e dos processos narrativos utilizados por Fernanda Botelho, os quais são, por regra, herméticos para o grande público (cf. Almeida, 2005: 44 ss.).

Refira-se ainda que, naquelas páginas, a autora de *A Figura Feminina em Fernanda Botelho* condensa o essencial das recensões críticas efectuadas na época em que foram dadas à estampa as publicações da escritora, circunstância que facilita o trabalho de pesquisa dessas fontes tanto ao estudioso de literatura, como até ao leitor lúdico interessado em aprofundar os seus conhecimentos sobre a escrita de Fernanda Botelho. Tal concentração não implica, porém, o recurso por parte de Joana Almeida, ao longo do seu estudo e sempre que achou necessário, a outros excertos, quer provenientes das mesmas recensões críticas, quer de outras da responsabilidade de diferentes autores.

Nos III e IV capítulos é feita uma análise circunstanciada das personagens femininas nas três obras seleccionadas pela autora, e que constituem os três primeiros romances de Fernanda Botelho: *O Ângulo Raso* (1957), *Calendário Privado* (1958) e *A Gata e a Fábula* (1960). Entra-se, portanto, no objecto de estudo propriamente dito deste trabalho. O III capítulo constitui-se por dois títulos genéricos que, como aconteceu com os anteriores, se subdividem. O primeiro desses títulos denomina-se «Personagens femininas» e os respectivos subtítulos são «As personagens femininas em Fernanda Botelho» e «A

inserção das suas personagens no meio académico»; o segundo denomina-se «O percurso de aprendizagem» de que fazem parte três subtítulos: «Aprendizagem através do amor», «Aprendizagem através da reflexão» e «Aprendizagem através do sofrimento». Quanto ao Capítulo IV, só tem um título genérico e um subtítulo, os quais são «A organização temporal» e «As recordações», respectivamente.

Na primeira parte do III capítulo, é de destacar a breve panorâmica que a autora nos dá de personagens femininas significativas na literatura portuguesa, desde o Romantismo até aos meados do século XX, para nos mostrar como «[...] o protagonismo [da personagem feminina] foi sempre ensombrado por determinados factores, como a crítica à sociedade [...], ou por outros estereótipos que limitam a liberdade de acção das personagens» (Almeida, 2005: 53). Após esse sintético e esclarecedor preâmbulo, pois permite ao leitor comparar o papel da personagem feminina na literatura portuguesa antes e depois da II Guerra Mundial, a autora entra então na análise circunstanciada que acima referi. Note-se também que logo na simples leitura dos títulos e subtítulos do III capítulo, e independentemente de se conhecer ou não os romances que constituem o *corpus* de análise deste trabalho, percebe-se que há algo de comum aos três, nomeadamente através do subtítulo «A inserção das suas personagens no meio académico». Esse denominador comum é, como se deduz, o meio

académico, pressupondo-se que é o espaço escolhido, ou pelo menos preferencial, para a acção dos romances em causa, o que se confirma com a leitura do mencionado capítulo, onde se chama a atenção para o facto de esse ambiente espacial surgir, por vezes, apenas através da recordação das personagens. O termo «Aprendizagem», presente nos três subtítulos d'«O percurso de aprendizagem» leva-nos também a inferir a existência de uma certa proximidade na estrutura diegética entre as três narrativas. Tal como no caso anterior, fica-se na posse da informação de que nos três romances, não obstante de maneiras diferentes, as protagonistas passam por um processo evolutivo (a aprendizagem). Este processo confirma-se com a leitura do respectivo capítulo, onde Joana Almeida apresenta para cada uma das narrativas as fases desse percurso de aprendizagem.

No que toca ao IV capítulo – «A organização temporal» – com um único subtítulo denominado «As recordações», também somos levados a depreender a existência de, pelo menos, alguma semelhança na construção dos romances escolhidos pela autora. Além disso, trata-se de uma indicação que prepara o leitor para um tipo de processo narrativo não linear, já que o acto de recordar está presente, implicando essa circunstância ter sido adoptado na construção das narrativas o recurso quer à analepse quer à prolepse, como no passo que a seguir se apresenta em que a autora, em parte citando Isabel

Allegro de Magalhães, mostra: «[...] tanto em *O Ângulo Raso*, como em *A Gata e a Fábula*, mas sobretudo em *Calendário Privado*, encontramos [...] «um tempo sem direcção clara, multifacetado e multidireccional, onde passado e futuro se misturam no presente, presente esse que sempre é vivido ou na memória do que foi ou na expectativa do que há-de ser»» (Almeida, 2005: 104). Saliente-se que, não obstante a complexidade da organização temporal das obras, encontramos, neste capítulo, uma análise clara e elucidativa dos processos utilizados por F. Botelho que facilita a compreensão das respectivas obras a todo género de leitores.

O último capítulo, o V, ao contrário dos anteriores, só deixa deduzir alguma forma de proximidade entre os três romances através do título genérico «A angústia do pós-guerra e a libertação final», dado que os subtítulos «Indiferença versus sentimentalismo», «Rompimento» e «Canto da cotovia» não apresentam, pelo menos de forma explícita como nos precedentes, nenhum traço comum. Esse traço, no entanto, existe e traduz-se, como salienta a autora, na «libertação» das protagonistas «de tudo aquilo que as oprime e sufoca». A diferença reside, conforme a análise feita por Joana Almeida deixa perceber, apenas na forma (e no percurso efectuado também) através da qual cada uma das protagonistas conseguiu alcançar, no universo diegético, a liberdade, ou emancipação, tão desejada.

Antes de terminar, dedico ainda uma breve palavra à conclusão apenas para salientar a demarcação que a autora ali faz das características literárias que separam a escritora F. Botelho das outras suas contemporâneas, para além de dar uma visão de conjunto das linhas orientadoras do estudo analítico que efectuou.

Finalmente, e após esta minha resumida apreciação do trabalho de Joana Almeida, justifico com palavras da própria autora a razão pela qual mencionei, logo no início, como uma das virtualidades deste estudo a escolha do *corpus* de análise: «[...] [o] *Calendário Privado* e *A Gata e a Fábula* [são] romances que, embora possuam características diferentes e contem histórias diferentes, [...] assemelham[-se] bastante a *O Ângulo Raso*. Com efeito, retratam, todos eles, a juventude universitária, sobre a qual paira uma nuvem de angústia trazida pelo pós-guerra, da qual tentam, e conseguem, libertar-se, o que leva alguns críticos a sugerir tratar-se de uma trilogia» (Almeida, 2005: 38).

Isabel Alexandra Correia Marques

O HISSOPE. POEMA HERÓI-CÓMICO

ANTÓNIO DINIS DA CRUZ E SILVA

(Edição crítica de Ana María García

Martín e Pedro Serra)

Coimbra, Angelus Novus, 2006

O presente livro visa preencher uma das lacunas mais nítidas no campo bibliográfico português, satisfazendo